

Literatura e Cultura brasileira nos States *

Kenneth David Jackson **

Cumpre-nos iniciar estas linhas, como escreveu conhecido herói pan-americano de passagem por São Paulo, com "desagradável nova". É bem verdade que a língua da boa cidade de São Paulo não é conhecida nos States sendo por alguns doutos ou por alguns "sujeitos de importância em virtude e letras", que como *brasilianistas* procuram no muiiraquitão da cultura brasileira. Neste relato da situação das coisas brasileiras nos States, reconheço a minha dívida ao meu colega Prof. P. Ellison, da Universidade do Texas, que por muitos anos tem se dedicado à promoção dos estudos de português entre nós; e é também referência obrigatória e excelente artigo do Prof. Silviano Santiago, "O Ensino da Literatura Brasileira no Exterior". No *Primeiro Encontro com a Literatura Brasileira*, que trata de todos os pormenores do assunto. Começamos aqui pela atual situação do estudo da língua portuguesa, elemento essencial para a compreensão da literatura e da cultura brasileira.

Os estudos recentes da língua portuguesa datam de 1958, época de *Sputnik*, quando seis línguas mundiais foram dominadas como "críticas" ou "essenciais", para a defesa social: sendo o português, o chinês, o japonês, o russo, o árabe e o hindi. Dessas línguas, 25 anos mais tarde, só o hindi tem menos alunos de que o português, que por sua vez pouco conquista o árabe, isto é fatal, esta com 3.400 e aquela com 4.800 alunos de graduação por ano.

* Trabalho originalmente apresentado na reunião da SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência), em São Paulo, no dia 7 de julho de 1984).

** Professor de Literatura Brasileira e Portuguesa na Universidade do Texas (Austin). Ex-Professor Visitante da Universidade Federal de Santa Catarina.

O chinês e o japonês alcançam 11.000 cada, bem atrás do russo com 24.000. Isto ainda é pouco no padrão das línguas mais estudadas e "não-críticas", colocando o russo ao lado do grego clássico (22.000), o latim (25.000) e o hebraico (19.000). Das línguas românicas mais comparáveis ao português, o italiano com 34.000 (dez vezes mais que o português), lembrando a lebre e a tartaruga, nem compete com o francês (248.000), que por sua vez é completamente dominada pelo espanhol, o campeão, com 400.000 alunos nas nossas universidades. Quando trata de uma visão do continente latino-americano, de cada 100 universitários que falam o espanhol, só um terá algum conhecimento do português. Embora pareça mentira, há quem pense que Buenos Aires é capital do Brasil; daí a importância dos brasileiros sempre insistirem na independência e singularidade da língua brasileira no exterior.

Missionários e militares são dois grupos que tradicionalmente promoveram o estudo do português; ainda hoje as aulas em West Point e Brigham Young estão cheias. Mas foi com a designação dos Centros de Estudos da América Latina nas maiores universidades estaduais e particulares, reunindo múltiplas disciplinas na década dos anos 60, que os estudos do português estouraram, financiados pelos interesses da "aliança", foi nessa época que professores brasileiros, e estudantes brasileiros também, vieram às nossas universidades, em caráter visitante ou permanente, para lecionar as suas especializações e educar desinteressadamente os futuros e atuais professores de literatura e cultura brasileira. Esse grupo foi denominado por Silvano Santiago, que também participei, como *brasilianistas brasileiros*.

A própria Universidade do Texas tinha recebido Cecília Meireles em 1940, com aulas financiadas pelo governo Vargas, e mais tarde Clarice Lispector em 1963. Só no caso do Texas, os professores visitantes a incluíram, entre outros, Augusto de Campos, Haroldo de Campos, Benedito Nunes, Silvano Santiago, Walnice Nogueira Galvão, Afonso Romano de San'Anna, Moisés, Fábio Lucas, Heitor Martins, etc. Alguns dos mais ativos em outras universidades incluem Jorge de Sena (1978), Antônio Salco Ivana Versiani, Wilson Martins e Joaquim Francisco Coelho. Os visitantes para fins de palestras ou cursos, também incluem professores

como Antônio Cândido e João Alexandre Barbosa. É evidente que o estabelecimento que organizou e dirige os estudos de literatura e cultura brasileira nos States foi em grande parte trabalho dos próprios pioneiros brasileiros, especialistas no assunto, que viajaram ao norte ora para se fixar permanentemente nas cátedras norte-americanas, ora para voltar ao Brasil, deixando em mãos dos jovens, seus alunos, o conhecimento e amor às coisas brasileiras.

Em não poucos casos, estes novos professores são brasileiros com p.H.D norte-americano, criando no âmbito dos estudos luso-brasileiros uma nova profissionalização e sofisticação na sua visão crítica, como por exemplo no caso dos professores Ana Luiz Andrade em Yale, Marta Peixoto em Princeton ou Enylton de Sá Rego no Novo México. É bom lembrar que essa atividade docente é sempre desenvolvida sem condições ou restrições, com a máxima liberdade quanto à seleção de temas ou autores, do ponto de vista teórico ou ideológico, com a única base de julgamento sendo a qualidade das teses e dissertações e o grau de interesse promovido no estudo a sério das letras luso-brasileiras.

Na "Nova Inglaterra" e no Estado da Califórnia, os numerosos grupos de luso-ascendentes ou de imigrantes açorianos têm promovido e estimulado o crescimento dos centros universitários de estudos portugueses, orientados para a literatura e cultura de Portugal. Professores como Jorge de Sena, Machado da Rosa, Adolfo Casais Monteiro, Alexandre Severino, Carlos Felipe Moisés, Ana Hatherly e Maria de Lourdes Belchior Pontes nutriram e incentivaram estudos portugueses, que não sempre integrados nas nossas universidades com estudos brasileiros, dentro dos departamentos de Espanhol e Português. Assim, quem estuda Camões, Eça ou Pessoa também estudará as principais figuras brasileiras. Da mesma forma, nos programas orientados para o Brasil, como no Texas, há sempre aulas obrigatórias sobre a literatura e cultura portuguesa. No momento atual, os interesses étnicos, a revolução de 64 e a crescente importância e reconhecimento de Fernando Pessoa estão contribuindo positivamente para os estudos portugueses no seu país. As bibliotecas universitárias, como a conceituada Coleção Benson, na Universidade do Texas, são essenciais

para o apoio dos estudos luso-brasileiros, tendo todas as facilidades para pesquisa nas suas vastas coleções de livros e manuscritos, dando acesso a documentos e textos que muitas vezes nem o Brasil seria sempre possível ou conveniente consultar.

Qual a visão da literatura brasileira agora nos States? quanto ao grande público, o conhecimento é limitado às traduções no mercado — e se de um lado é surpreendente o número de títulos traduzidos, do outro há a habitual falta de leitores e de promoção editorial. Os paperbacks mais acessíveis são os mais recentes romances de Jorge Amado, uns romances de Machado de Assis e umas obras recentes, por exemplo, de Márcio Souza. A literatura brasileira, embora mais evidente nos últimos anos, continua sendo, em inglês, um mero apêndice ou colônia de *boom* hispano-americano. A minha tradução do *Serafim Ponte Grande* recebeu bastante atenção, resenhas, entusiasmo, etc... mas as pequenas editoras não podem alcançar o mercado nacional. E assim, de modo geral, continua sendo o caso das traduções da obra de Clarice Lispector, Guimarães Rosa, Graciliano Ramos, Mário de Andrade, e outros.

Por outro lado, é nas universidades onde a literatura brasileira é lecionada com alto grau de especialização para os interessados. Há dissertações sobre muitos dos grandes autores brasileiros e uma variedade de temas críticos, em muitos casos já traduzidos e publicados no Brasil. E é sinal de otimismo observar que os estudos brasileiros incluem não só as letras, a história brasileira, a antropologia, mas hoje em dia também o cinema, a música, a televisão e comunicações, a cultura popular, etc. E cada vez mais a literatura atrai a atenção dos comparativistas, pelos valores de sincretismo, vitalidade e invenção que dão uma caracterização única à escritura brasileira, como produção estética e cultural.

O caminho do futuro para literatura e cultura brasileiras nos States não é mais dentro dos programas fechados pelo molinguis-mo, em que especialistas pregam verdadeiras doutrinas, mas numa atitude de "abertura" e divulgação da pluralidade dos interesses culturais e intelectuais, situação em que o Brasil tem que reclamar os seus direitos.